



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

DAMA COMO PUTA OU PUTA COMO DAMA? SOCIABILIDADE ERÓTICA E NOVAS REPRESENTAÇÕES DE CONJUGALIDADE.

Manuela Vieira Blanc

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - RJ

manu_uenf@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho se propõe a analisar os significados em torno do ideal de conjugalidade identificado entre os frequentadores de uma casa de *suingue* carioca. A primeira parte do artigo corresponde ao cruzamento entre os dados obtidos durante a *observação participante* realizada para uma tese de doutorado em desenvolvimento e algumas discussões em torno da relação entre a formação de um mercado do sexo e a noção de amor romântico na contemporaneidade, apontando para a conjugação de uma lógica de consumo em favor de formas de sociabilidade eróticas. A segunda parte se debruça sobre as percepções de gênero que viabilizam a conjugação de valores supostamente tradicionais com práticas sexuais que transgridem as polarizações clássicas em torno dos papéis do homem e da mulher. Os dados parciais obtidos apontam para uma sobrevalorização dos laços afetivo-sexuais entre os parceiros envolvidos, legitimados a partir da ressignificação de valores e de novas percepções de gênero.

Palavras-chave: mercado do sexo, sociabilidade erótica e conjugalidade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Apresentação

As trocas econômico-sexuais abrangem uma grande diversidade de serviços, produtos e espaços de lazer voltados para diferentes práticas de conteúdo sexual. Desde profissionais do sexo, o comércio de produtos, até estabelecimentos estruturados como espaços de sociabilidade erótica, seja para a prática do ato sexual propriamente dito ou diferentes formas de entretenimento de conteúdo sexual, o “mercado do sexo” se desenvolve e legitima a partir de diferentes segmentos. Pode-se dizer, neste sentido, que este possui dimensões que extrapolam em muito a dinâmica do mercado da prostituição, dialogando ao mesmo tempo com comportamentos que sinalizam a emergência de novas questões de gênero, caracterizadas pela re-significação de práticas e relações.

A partir das percepções dos frequentadores de uma casa de *suíngue* carioca esta proposta pretende inserir-se numa discussão em torno do “consumo sexual” de forma ampla e das práticas que o legitimam, centrando-se nas representações dos *suínguers* quanto ao exercício de sua sexualidade.

Fragmento de uma tese de doutorado em desenvolvimento, a discussão proposta assumirá como base os dados obtidos em torno da valorização de um ideal de conjugalidade cujos significados são reapropriados na legitimação de práticas sexuais públicas e/ou grupais. Fidelidade, ciúme e moral são alguns dos valores cujas representações são objeto de análise. Neste sentido, a valorização da relação afetivo-sexual entre os parceiros envolvidos nas trocas sexuais lança novas pistas para a compreensão de sua construção identitária de gênero. Ao mesmo tempo, esses comportamentos internamente reconhecidos como dissidentes são alvo de estratégias de disfarce nas relações extra-clube.

Dama como puta ou puta como dama? Ao mesmo tempo em que a prática *suíngue* sinaliza a emergência de novos significados e comportamentos sexuais, apresenta suas contradições. Os relatos apontam para o corpo como um veículo de abertura de si, autoconhecimento e desenvolvimento pessoal: a natureza corpórea a serviço da cultura, ou de uma expansão cultural em sentido abstrato, uma “libertação da alma”. A prática de sexo grupal é muitas vezes valorizada como um caminho para o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

fortalecimento dos laços de fidelidade conjugal. Ao mesmo tempo, e neste mesmo sentido, a troca sexual é destacada como um dom de reciprocidade que se choca com a frieza do contrato monetário, ao mesmo tempo em que constantemente dialoga com ele. Às mulheres parece estar reservada uma ilha onde o exercício de sua sexualidade é legitimado e valorizado, “damas” e “putas” assumem novas representações, ao mesmo tempo em que engendram novos conflitos.

Os dados utilizados para o desenvolvimento da análise aqui proposta foram coletados durante a realização do trabalho de campo para uma tese de doutorado em desenvolvimento. A metodologia utilizada envolve a observação participante em um clube de *suingue* localizado na área central da cidade do Rio de Janeiro com o objetivo de compreender as práticas de sociabilidade erótica entre os frequentadores destes estabelecimentos de lazer enquanto fenômenos de publicização de práticas de foro íntimo e tendo em vista o contexto sócio-urbano carioca. A proposta aqui apresentada objetiva discutir a relação entre o desenvolvimento de um mercado de lazer erótico e as representações em torno das práticas afetivo-sexuais entre os *suinguers*, ou mais precisamente os frequentadores de um clube *suingue*, dado que a troca de casais propriamente dita é apenas um dos arranjos possíveis no exercício grupal e/ou público do ato sexual observável nesses espaços. A resignificação de valores em torno das identidades de gênero e os laços de conjugalidade são questões específicas sobre as quais aqui pretendo me debruçar.

O mercado do sexo e os novos ideais de conjugalidade

A expressão “mercado sexual” é caracterizada em sua gênese por um suposto paradoxo em torno da conjugação de termos incongruentes se tomados em sentido estrito. Simmel destaca que, tratando-se das relações inter-humanas, caracterizadas por primar por essência pela duração, assim como pela verdade interior das forças de ligação, por mais pronta que esteja a desfazer-se (como, por exemplo, a relação amorosa “autêntica”), o dinheiro nunca poderá ser um mediador adequado. Apenas tratando-se do prazer venal, caracterizado pela recusa de toda relação que extrapole o instante e a pulsão social, esse mesmo dinheiro,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Formatado: Fonte: 11 pt

“por se destacar inteiramente da personalidade, uma vez pago, e por romper radicalmente com toda outra espécie de consequência, é a prestação mais perfeita, tanto de um ponto de vista real como simbólico: pagar em dinheiro é terminar radicalmente com tudo, assim como com a prostituta depois da satisfação” (SIMMEL, 1993: p. 51).

A idealização em torno do amor romântico tem como pressuposto, neste sentido, uma promessa de que ao indivíduo será reconhecida plenamente a sua singularidade, em contraposição a lógica de mercado, que se caracteriza por trocas nas quais prevalecem relações impessoais e instrumentais nas quais a qualificação e o desempenho, senão o poder aquisitivo, são extremamente valorizados. Seguindo tal raciocínio, Costa (2005) destaca que a idealização romântica se caracteriza pelo pressuposto da espontaneidade, da imprevisibilidade, da transgressão de regras e convenções:

se no mercado os indivíduos são avaliados segundo critérios generalizáveis e se tornam, por isso, intercambiáveis, nas relações amorosas o critério de seleção é subjetivo e inacessível à cognição, o que torna a pessoa amada única e insubstituível aos olhos do amante (COSTA, 2005: p. 112).

Analisado desta forma o mercado do sexo, ou as trocas econômico-sexuais mais diversificadas, são caracterizadas necessariamente por relações vazias de subjetividade. Produtos “eróticos”, entretenimento de conteúdo sexual (ou sexualizado), e, fundamentalmente, serviços sexuais propriamente ditos são caracterizados, conseqüentemente, por uma lógica típica ao mercado de consumo e, portanto, contrária àquela em torno do estabelecimento de laços afetivo-sexuais. Seja ela utilitária ou não, trata-se de uma relação estritamente impessoal, voltada para a satisfação de desejos cujo caráter de insaciedade, segundo a análise de Bauman (2008), denuncia um esvaziamento de sentido no qual o consumo sinaliza para uma tentativa de absorção de si mesmo, num movimento desesperado de “auto-preenchimento”.

Eva Illouz (1997) coloca-se na contracorrente ao analisar a comercialização de “contextos românticos” como elemento nuclear à definição do amor romântico na contemporaneidade. Segundo a autora, a experiência amorosa na atualidade é definida



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

por um modo de vida no qual o consumo de produtos, atividades, senão um comportamento propriamente dito, é integrante à experiência amorosa em si mesma. Ao mesmo tempo, o amor romântico é analisado como refúgio para as utopias de transformação e ruptura da ordem cotidiana, refúgio este que acaba por não se caracterizar como uma potência de mudança propriamente dita por uma incongruência interna: se o amor “moderno” é consumista por definição, o capitalismo é, neste sentido, o contexto fundamental para seu desenvolvimento. Assim sendo, tal “ruptura com a ordem” se limita a uma passagem para formas de sociabilidade intimistas mediadas por essas formas de consumo. Finalmente, a autora destaca os dados estatísticos que apontam para uma relação direta entre o potencial de consumo dos possíveis cônjuges e o estabelecimento de vínculos amorosos, à despeito das fábulas em torno do sentimento amoroso enquanto motor para a transposição de fronteiras sociais.

Costa (2005) opõe-se à análise de Illouz (1997) ao demonstrar que, apesar de oferecer os bens que propiciam a vivência do amor romântico, o mercado de consumo permanece incapaz de constituir-se como espaço de construção de sentidos compartilhados. Primeiro por não gerar o que denomina “energia amorosa”, depois porque a impessoalidade das relações monetárias se choca com a definição das fronteiras simbólicas que separam ou diferenciam os amantes de todo o resto do mundo. O consumo é caracterizado por uma lógica inconciliável com a constituição de um universo simbólico próprio, básico ao enlace amoroso romântico. Segundo este autor, “o que define a relação amorosa como tal não é o consumo desses rituais, mas o (improvável) estabelecimento de uma comunicação pessoal que sublinhe e confirme as diferenças individuais” (p. 122),

Formatado: Fonte: 11 pt

Para que se configure a relação romântica é necessária a criação de um âmbito de comunicação (improvável) que destaque e aparte os amantes do entorno social. A presença desse código de comunicação especial distingue consumidores de amantes que utilizam rituais e produtos sob o signo do amor. Nesse sentido simbólico-expressivo, a obliteração das fronteiras entre mercado e interação amorosa significaria o fim do amor romântico (COSTA, 2005: p. 124).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A possibilidade de que o consumo de produtos eróticos se constitua como elemento integrante a determinadas formas de sociabilidade afetivo-sexuais, por outro lado, sinaliza para uma compreensão do mercado do sexo capaz de apreender as suas dimensões objetivas e subjetivas em sua totalidade. O “consumo amoroso” não é o elemento que define a relação enquanto tal, nem necessariamente aquilo que caracteriza a experiência amorosa na contemporaneidade, contrariando a análise de Illouz (1997). Ao mesmo tempo, os dados parciais obtidos para o desenvolvimento de minha tese de doutorado contrariam uma visão do mercado enquanto lógica relacional impessoal que, portanto, se opõe a um código de comunicação afetivo-sexual e, ao mesmo tempo, permitem que seja questionada uma representação do amor romântico enquanto experiência associada, dado envolver o “apartamento dos amantes do seu entorno social”, como afirma Costa (2005).

A dinâmica de sociabilidade em uma casa de *suingue* carioca aponta, ao contrário, para uma forte valorização dos laços afetivo-sexuais integrada ao consumo de formas de lazer eróticas. O relacionamento estável, de fato ou enquanto ideal, se sustenta como um valor e a experiência sexual pública e/ou coletiva são legitimados como integrantes às práticas amorosas. Enquanto ressignificação de um ideal de amor romântico, a experiência *suingue* é caracterizada por um discurso que condena a impessoalidade das práticas sexuais mediadas pela relação monetária ao mesmo tempo em que se utiliza dos produtos disponíveis no mercado em favor de sua plena vivência. São estabelecidas regras formais que restringem a entrada de homens e mulheres desacompanhados, limitando a presença de solteiros a dias determinados da semana e a realização de reservas com antecedência; e nas “noites para casais” as moças solteiras devem necessariamente entrar acompanhadas por um casal. Ao mesmo tempo, aos integrantes de “casais” é vedado o direito de livre circulação pela boate, estes só podendo entrar e permanecer nos “espaços escuros” (aqueles nos quais é permitida a prática do ato sexual¹) devidamente acompanhados por seus parceiros: “Pra evitar que o

¹ A boate observada divide-se em dois andares. No primeiro está a porta de entrada, guardada por dois seguranças e aonde é disponibilizado o serviço de manobrista, a recepção e a chapelaria. É uma saleta pequena onde os frequentadores se deixam observar enquanto guardam pessoalmente os seus pertences nos armários. O segundo andar é dividido em três áreas. O alto da escada dá para a lateral da boate (que fica no centro), decorada com espelhos e sofás nas laterais, além de um *queijo* em plataforma numa das paredes e outra barra de *pole dance* no meio da pista de dança. A pista é mediada pelo bar e o caixa e,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

cara traga uma acompanhante pra cá, deixe ela na “boate” e saia por aí sozinho”, destaca Fábio, o promotor responsável pela noite de sábado.

Os espaços de lazer eróticos, neste caso os estabelecimentos comerciais voltados para o mercado *suingue*, se apresentam como contextos fundamentais ao estabelecimento de contatos e a iniciação de candidatos às diferentes práticas *suingue*, senão como o refúgio imaculado em favor de comportamentos e identidades secretas. Mais do que isso, esses espaços atuam, ao mesmo tempo em que se colocam disponíveis a apropriações e reapropriações.

As práticas *suingue* inserem o casal em uma dinâmica relacional que o extrapola, mas o faz partindo do pressuposto de uma experiência vivenciada em simbiose: neste contexto, os dois cônjuges tornam-se um só sujeito e o ato sexual grupal e/ou público é traduzido como uma experiência do casal enquanto entidade una. Ao referir-me ao *suingue* de uma forma geral, me aproprio de uma categoria nativa, dado que meus interlocutores referem-se às suas práticas no interior da casa como *suingue*, mas em referência às práticas sexuais grupais e/ou coletivas de uma forma geral. Vale ressaltar que o *suingue* propriamente dito corresponde à troca de casais, devendo necessariamente ser realizada em grupos pares e, em estrito senso, entre dois casais. Há variações que envolvem um número maior de pessoas, se caracterizando como sexo grupal, dado que a troca implica em intercruzamentos quase ilimitados, mas a frequência ao clube envolve uma diversidade de práticas que extrapola em muito a troca de casais, como o *ménage*, caracterizado pela participação do casal e mais um participante “solteiro”.

Entre os casais interessados em intercursos sexuais com outros casais, a presença de profissionais do sexo é fonte de desconfiança e alvo de estratégias de positivação que tornam quase impossível ao pesquisador (e até mesmo aos mais experientes frequentadores do clube) identificar os casais de fato e os casais por contrato. Ao

suspensos, ficam o Dj e o camarote particular. Nas laterais extremas deste andar (em formato retangular) estão os banheiros e aquelas que chamo de “áreas escuras”: espaços pouco iluminados aonde ficam as cabines (privativas ou não), a *cama de Baco*, o *labirinto*, a *cadeira erótica*, a *gaiola* e etc, e aonde é permitida a prática do ato sexual. (As categorias nativas destacadas em itálico referem-se a espaços ou estruturas voltadas para determinadas práticas eróticas, desde o *strip-tease* ou a dança sensual, no caso do *queijo*, até o sexo grupal – possibilitado pela *cama da Baco* - ou fetiches determinados – como o *voyerismo* facilitado pela *gaiola*).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

mesmo tempo, os esforços coletivos em “filtrar” a entrada destes últimos, senão no estabelecimento, em suas redes de relações, apresenta-se como pista fundamental para a compreensão dos significados legitimados em torno da prática *suingue*, sobretudo em referência a um ideal de conjugalidade em torno de pressupostos laços de amor romântico.

O mesmo não foi observado com relação ao assédio aos frequentadores solteiros, experimentado pessoalmente pela pesquisadora em campo. Clientes solteiros têm a sua entrada na boate restrita a determinados dias da semana e, em certas ocasiões, à companhia de um casal. A presença solitária da pesquisadora na boate é, portanto, sempre motivo de surpresa e alvo de atenção, mas o assédio do qual sou alvo é isento de valores morais em torno de laços afetivos, afinal, eu estou de fato só, sou eu e apenas eu e não “um casal”. Pude perceber que, apesar do frisson provocado pelas *rolinhas*², alguns casais restringem suas práticas à troca de casais propriamente dita (“Quem sabe quando você arrumar um namorado, você não traz ele aqui”, me disse certa vez Ciça, esposa de Fábio e também minha promoter-anfitriã), o que confere ainda maior destaque à importância de se pensar a conjugalidade enquanto um laço altamente valorizado entre os *suinguers*.

A conciliação das contradições em torno de práticas e valores conflitantes só é possível através da sua ressignificação e de estratégias que possibilitam a vivência *suingue* enquanto uma aventura apartada do cotidiano da vida (SIMMEL, 1998). Neste movimento termos e “papéis” de gênero são reapropriados no estabelecimento de estratégias de justificação válidas, senão à assunção de uma identidade “desviante”, na legitimação de uma moral interna a esta forma de sociabilidade erótica.

A puta e a dama: antigas identidades, novas representações e eternos conflitos

Segundo Giddens (1993), o ethos do amor romântico teve um impacto duplo sobre a situação das mulheres, ao mesmo tempo em que ajudou a colocar as mulheres ‘em seu lugar’ – conferindo a elas um lugar: o lar - o amor romântico é encarado como um compromisso ativo e radical com o ‘machismo’ da sociedade moderna dado

² Categoria nativa referente ao frequentador(a) solteiro e desacompanhado.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

pressupor a possibilidade de que se estabeleça um vínculo emocional durável com o outro, tendo-se como base as qualidades intrínsecas desse próprio vínculo. “É o precursor do relacionamento puro, embora também permaneça em tensão em relação a ele” (p. 10).

Inversamente, a sexualidade plástica é caracterizada pela descentralização dos impulsos eróticos e libertação das necessidades de reprodução, como um traço da personalidade que, ao mesmo tempo, liberta a sexualidade da regra do falo. Segundo o autor, apesar da distinção da garota decente/garota vadia ainda se aplicar em certo grau, assim como a ética da conquista masculina, outras atitudes apresentam mudanças radicais, caracterizando “um mundo de negociação sexual, de ‘relacionamentos’, em que as novas terminologias de ‘compromisso’ e ‘intimidade’ vieram à tona” (GIDDENS, 1993, p. 19).

A experiência *suingue* observada aponta para uma conciliação consciente entre um ideal de conjugalidade e uma prática sexual que se choca com pressupostos tradicionais de gênero, bem como com a moral cristã que os embasa. Ao final de uma sessão de sexo grupal numa cabine privativa, enquanto os três casais participantes tornam a vestir seus pijamas (dado se tratar de uma festa do pijama) “o papo prosseguiu em torno das ‘encenações rotineiras’, do paradoxo de voltar para casa vestida e com pose de ‘mulher respeitável’ (C1³)” (Caderno de campo de 22 de novembro de 2010). No caminho entre a boate e seus apartamentos, senão no próprio hall de entrada do clube, as *cintas-ligas* e *baby dolls* femininos, ou os pijamas masculinos, seriam trocados por suas “roupas normais” de sábado à noite, vestimentas passíveis de serem utilizadas no caminho de volta para casa e que lhes permitiria passar impunes por seus porteiros. Um dos rapazes lembra com graça: “o pior é que ela é a síndica do nosso prédio”, referindo-se à sua companheira. As incongruências entre seus gostos e comportamentos sexuais e as identidades assumidas publicamente (entenda-se fora da boate *suingue*) são neste instante pós-orgástico alvo de risadas e, ao mesmo tempo, pistas para a compreensão de suas representações sobre si e sobre as práticas que aderem.

³ Favorecendo uma melhor compreensão posterior dos dados, e também a garantia absoluta de anonimato* para os meus interlocutores, os três casais presentes foram “nomeados” no caderno de campo a partir de letras (A, B e C, neste caso) e números (1 para as mulheres e 2 para os homens).



Ao contrário de uma compreensão da prática *suingue* enquanto exercício de uma sexualidade plástica sob os pressupostos de Giddens (1993), parto de uma análise da sociabilidade erótica *suingue* enquanto dinâmica relacional integrada a formação de *comunidades intersticiais*. Ao mesmo tempo em que estas se constituem como ilhas valorativas, desenvolvidas à margem da moralidade dominante, sendo circunscritas em espaços bem delimitados e através de regras e valores éticos específicos a cada micro-grupo, são também capazes de dotar as práticas sexuais “desviantes” de um sentido que lhes é próprio, conciliando o paradoxo entre estas e a moralidade sexual socialmente legitimada e conferindo coerência às narrativas sexuais, bem como as práticas de pluripacceria sexual analisada por Philippe Combessie (2008):

l'évolution des pratiques sexuelles entraîne une évolution des représentations. Il ne s'agit pas, là, de *représentations collectives* mais de *représentations de soi*, de représentations de sa propre intimité saisie à travers les représentations de ce qu'on appelle communément son *orientation sexuelle* (COMBESSIE, 2008: p. 281)⁴.

Formatado: Fonte: 11 pt

Formatado: À esquerda, Recuo: À esquerda: 3,75 cm

Formatado: Não Sobrescrito/
Subscrito

Organizados em torno de um regime de familiaridade (THÉVENOT, 1998), os frequentadores do clube se ajustam em função dos hábitos assumidos a partir de uma intimidade compartilhada e segundo uma forma de agência que é consistente com este modo específico de relacionar-se, com as maneiras como os agentes se entendem como sujeitos e seu modo de engajamento no mundo e de engajamento dos outros atores eventualmente.

Não parece haver possibilidade de assunção de uma “identidade *suingue*” que extrapole o contexto dos clubes ou as redes de relações desenvolvidas a partir das práticas eróticas em sentido amplo (considerada a possibilidade do contato se dar em páginas na internet⁵, eventos extra-clube etc., voltados para a prática sexual grupal e/ou pública). Ao mesmo tempo, há uma ampla valorização da extensão das relações intra-

⁴ A evolução das práticas sexuais esta inserida em uma evolução das representações. Não em referência às representações coletivas, mas às representações de si, representações de sua própria intimidade exercitadas através das representações que denominamos comumente sua orientação sexual.

⁵ É comum entre os meus interlocutores a manutenção de *sexlogs* (espécie de *blogs* eróticos), *e-mails* e perfis em sites de relacionamentos específicos ao estabelecimento de contatos com possíveis parceiros sexuais. Na maioria das vezes essas “identidades virtuais” são criadas pelo casal, em nome de ambos os parceiros, ao contrário do que é observado nas redes sociais virtuais de uma forma geral.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

clube para uma dinâmica de interação extra-clube, o que entre os praticantes mais experientes é exemplificado com referências ao compartilhar de uma vida íntima assexuada com antigos ou atuais casais de parceiros *suingue*:

[A1], ao meu lado, faz as apresentações (indiretas, já que não há cumprimentos) destacando que todos são amigos, apesar de ela e o marido terem conhecido um dos casais (precisamente o casal C) naquele dia.

« Nossa relação não se resume à boate, a gente conversa sobre 'tudo' e se encontra fora daqui - diz B2.

« E como! - completa [A1], fazendo um trocadilho - ele já me **comeu**, o meu marido já **comeu** a mulher dele....

Formatado: Não Sobrescrito/
Subscrito

Formatado: Não Sobrescrito/
Subscrito

Formatado: Não Sobrescrito/
Subscrito

A sociabilidade em torno das práticas *suingue* é dotada de uma moralidade que lhe é própria, importando conceitos e valores típicos à moral cristã que dita as bases da noção de conjugalidade, ao mesmo tempo se reapropriando destes e os ressignificando.

O corpo *suinguer* é apresentado como uma ferramenta de libertação, não apenas enquanto corpo sexualmente valorizado e, portanto, digno de cuidados, ou um corpo liberto de um ideal monogâmico sexualmente repressor, mas como um corpo que é veículo para uma “abertura para o mundo”. Ao mesmo tempo, em nada parece se assemelhar ao símbolo de uma libertação moral estrita, mas sim símbolo das múltiplas possibilidades de experimentação e de gozo, aos homens ainda restritos às práticas heterossexuais⁶. O cultivo do corpo e a plena exploração das possibilidades que ele oferece têm como justificativa o seu veículo enquanto ferramenta de auto-proveito e, neste caso, pleno proveito de uma relação diádica em sua natureza. Explorar as possibilidades de gozo que ele é capaz de oferecer é visto como a forma primordial de transcendência corporal, tendência típica a contemporaneidade, segundo Muraro (1983): “Agora é o corpo diretamente para o prazer. As novas técnicas extraem dele todas as suas potencialidades de gozo. Junto com a expressão corporal vem a luta pelo orgasmo” (p. 77).

⁶ Não há restrições formais estabelecidas pelos proprietários da boate quanto aos intercursos sexuais entre homens no interior do estabelecimento, mas os meus interlocutores destacam com frequência que estas práticas são pouco comuns, senão consideradas indevidas, dentro da boate: “Normalmente, quando há esse interesse, não vai rolar aqui, mas num motel, ou em outro lugar” (A2).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O papel político de tal apreensão, naquilo que se refere a uma suposta “transformação da intimidade” ou das relações de gênero, está na possibilidade de positividade da transgressão. Às mulheres é reconhecido o direito ao exercício ativo de sua sexualidade, o que por si só já contraria os papéis tradicionais de gênero, e legitima ao menos internamente a prática da bissexualidade:

“Não sei se você percebeu, mas aqui tem muita mulher bonita, elas são lindas, mas os homens são terríveis: velhos, barigudos” (Julia). Tendo vivenciado experiências homossexuais em outras ocasiões, Julia curtia transar com outras mulheres, descrevia seus seios e bundas com água na boca e parecia ver a troca de casais como uma excelente oportunidade para exercitar esses desejos, descrevendo a mulher como um ser perfeito ao qual falta apenas um pênis: “aí eles entram” – disse, em referência aos homens (Caderno de campo de 22 de novembro de 2010).

toda mulher gosta de mulher, pode não assumir isso, mas quase toda mulher gosta [...] elas vêm pra cá pra fazer aqui o que não podem fazer na rua” diz referindo-se a bissexualidade feminina (Gilberto, Caderno de campo de 19 de fevereiro 2011).

Por outro lado, a preocupação em evitar a entrada de câmeras fotográficas e os diversos relatos em torno das estratégias de escamoteamento da identidade *suíngue* apontam para esforços incansáveis em favor da manipulação de uma identidade que é reconhecida internamente como externamente estigmatizada.

Parafraseando Durkheim, Combessie (2010) destaca que o ato sexual implica em uma contradição à consciência moral, dado que emoções de moralidades diferentes assumem a forma de injunções contraditórias que, sobretudo ao que se refere às mulheres da sociedade contemporânea, conduzem a uma oposição caricatural em torno das figuras da mãe, personagem que “faz amor”, de forma quase assexuada e, do outro lado, a da puta. Por outro lado, destaca Combessie, saberes práticos desenvolvidos à medida do progresso de múltiplas parcerias sexuais permitem às mulheres acumular vantagens destas duas figuras: obter a liberdade de seus corpos dada à desconexão entre sexualidade e monogamia exclusiva que é atribuída à puta conservando a respeitabilidade da mãe.

Formatado: Fonte: 11 pt

Formatado: Não Sobrescrito/
Subscrito

Formatado: Não Sobrescrito/
Subscrito

Formatado: Não Sobrescrito/
Subscrito

Formatado: Não Sobrescrito/
Subscrito

Formatado: Fonte: Itálico, Não
Sobrescrito/ Subscrito



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Se o corpo é uma ferramenta de prazer e não apenas de reprodução, ele merece atenção redobrada: “*Eu me cuido para estar aqui, preciso me cuidar, cuido mais de mim*” afirma [A1]. O *suingue*, que a mantém no mercado sexual, apesar de estar na meia-idade e ser uma mulher casada há doze anos, transforma-se num incentivo para o cuidado de si, bem como este cuidado apresenta-se como uma demanda em favor dessas práticas. Ao mesmo tempo, a troca de casais é interpretada como veículo de uma redefinição da relação afetivo-sexual, permitindo a exploração de mais amplas possibilidades de prazer, sem se chocar com os ideais conjugais.

A experiência *suingue* é relatada como integrante das experiências do casal enquanto tal, mesmo que possa haver a troca de pares estrita, como foi observado por mim durante uma sessão de sexo grupal em que maridos e mulheres de uma forma geral se tocavam apenas ocasionalmente, voltando suas atenções para o “parceiro oposto”, ou o integrante do casal com o qual interage, ao invés do próprio cônjuge.

A lógica da fidelidade assume novo sentido, já que a prática do *suingue* abrange ambos os parceiros, e não cada um deles individualmente: “*Se não me chamar eu vou ficar puta, isso pra mim é traição. Se ele tá a fim de comer uma mulher, então eu quero ver, quero participar da brincadeira, aí tudo bem. Senão é traição e aí eu não aceito.*” A percepção de engajamento amoroso está subordinada a fidelidade não no que se refere à exclusividade sexual, mas a um exercício da sexualidade que é sempre compartilhado, vivenciado a dois, mesmo que com membros externos à relação. De certa forma, exclusividade há, dado que a prática sexual de cada um dos cônjuges deve dar-se sempre em parceria, mas não enquanto uma relação fechada em si, exclusivista e associal.

Ao contrário, o intercurso sexual grupal e/ou público caracteriza-se pelo potencial de abertura de uma relação diádica por definição. Aqui não há paradoxo, por que não há separação: as “trocas” ou arranjos se fazem a partir do pressuposto, mesmo que idealizado, de uma simbiose na qual as identidades individuais dos parceiros são negadas ou, ao menos, absorvidas durante algumas horas.

Por fim, a prática de sexo grupal é valorizada como um caminho para o fortalecimento dos laços de fidelidade conjugal e, enquanto dom de reciprocidade, tem suas restrições quanto ao contrato monetário. O espaço do clube é legitimado em seu

Formatado: Fonte: Itálico, Não Sobrescrito/ Subscrito



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

favor e, dado tratar-se de um estabelecimento comercial que oferece serviços de lazer (seja a boate com Dj ou o show de *strip tease* oferecido todos os sábados), além do aparato físico necessário ao seu pleno exercício, apresenta-se como um produto elementar ao estabelecimento e manutenção das práticas *suingue*. O estabelecimento comercial vende um produto, mais do que “alugar” o direito de usufruir de um espaço, e os “serviços” oferecidos constituem um contexto peculiar, contexto este que também é base para reapropriações de seus usuários. Por outro lado, o ato sexual em si, em caráter grupal e/ou público, é percebido segundo pressupostos de reciprocidade e entrega. A valorização dos vínculos afetivos e de uma conjugalidade entre os “casais” ao se apresentarem sinalizam neste sentido, assim como a desconfiança em torno da presença de acompanhantes pagos.

Considerações Finais

A partir dos dados parciais obtidos para uma tese de doutorado em desenvolvimento esta proposta pretendeu analisar a legitimação de valores em torno da noção de conjugalidade entre atores envolvidos em práticas sexuais grupais e/ou públicas em um clube de *suingue* carioca. As supostas incongruências na conciliação entre uma lógica de mercado e os ideais tradicionais de amor romântico foram reavaliados a partir da apreensão de relações mediadas pelo consumo de serviços de entretenimento e, sobretudo, espaços de lazer que ao menos favorecem a formação de redes de sociabilidade, quiçá comunidades intersticiais dotadas de uma ética própria e auto-referida. Neste contexto é possível se pensar na positivação de transgressões de gênero nas quais as representações entre as figuras da *puta* e da *dama* assumem novo significado, sem que estas práticas se caracterizem como um projeto político de rompimento com os papéis tradicionais de gênero de forma ampla, ou sequer uma libertação sexual livre do estabelecimento/valorização de laços afetivos.

Bibliografia



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para Consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2008.

COMBESSIE, Philippe. Le partage de l'intimité sexuelle. Pistes pour une analyse du pluripartenariat au féminin. In: LE GALL, Didier. *Identités et genres de vie. Chroniques d'une autre France* (2008) Paris : L'Harmattan, 2008.

_____. Le pluripartenariat sexuel : une communauté interstitielle ? In : SAINSAULIEU, I; SALZBRUNN, M.; AMIOTTE-SUCHET, L. (Ed.) *Faire communauté en société. Dynamiques des appartenances collectives*. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2010.

COSTA, Sergio. Amores fáceis. Romantismo e consumo na modernidade tardia. In: *Revista Novos Estudos*, n° 73 Nov. 2005.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

ILLOUZ, Eva. *Consuming the romantic utopia: love and the cultural contradictions of capitalism*. Califórnia, USA: University of California Press, 1997.

MURARO, Rose Marie. *Sexualidade da Mulher Brasileira. Corpo e classe social no Brasil*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1983.

SIMMEL, George. A aventura. In: SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold. *Simmel e a modernidade*. Brasília: UnB. 1998. p. 171-187.

_____. *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

THÉVENOT, Laurent. "Pragmatiques de la connaissance", in : BOREL, A., BOUVIER, A., PHARO, P. (eds.), *Sociologie et connaissance. Nouvelles approches cognitives*. Paris : Ed. du CNRS, pp. 101-139, 1998.